**RESENHA DO DOCUMENTÁRIO “THE MASK YOU LIVE IN”**

**Disciplina:** Ética e Legislação

**Aluno:** Mateus Emanuel Andrade de Sousa **Matrícula:** 427583

“A máscara que você vive” é o nome do documentário que aborda aspectos da educação machista generalizada por parte de algumas famílias com pais agressores ou com uma doutrina severa de intolerância consequente de atitudes que estes já vivenciaram e não conseguiram superar no decorrer do processo. Jovens que passaram por essa transformação com o decorrer dos anos desenvolvem traumas que afetam suas personalidades e o comportamento delas diante da sociedade. Como consequência essas pessoas projetaram uma imagem distorcida da masculinidade e por trás do esporte ou de pouco contato coletivo vestiram máscaras que ocultavam as lágrimas internas de seguir o estereótipo do homem ideal da cultura globalizada.

A personificação masculina é uma moda de manipulação da mídia influenciada pelo estilo militar americano que se tornou um padrão de aceitação social abrangente, em um processo que levou décadas e se mantém até a atualidade. A ideia de uma pessoa fraca, não violenta perante as outras é a primeira prova de masculinidade que toda criança americana passa logo na infância, bem como é uma de todas as situações que ao decorrer da vida vão perseguindo ela, uma verdadeira hierarquia da dominação. A abolição de todo comportamento feminino visto como impuro, menosprezável. Todo homem é pressionado a se provar pertencente ao gênero, ele mesmo não tem chance de se sentir seguro com sigo, vive controlado pelo que a masculinidade representa para os outros e não em detrimento ao seu eu verdadeiro.

Uma das mentiras comuns associadas ao homem é a sua habilidade física, de um rapaz musculoso, extremamente sarado e bem definido. Infelizmente esse tabu é quebrado em um período muito tardio, já na fase adulta quando além dessa preocupação estética o indivíduo já tem passado por outras experiências fatais como bullying, dependência química, entre outros fatos pesados de estagnação psicológica. Outra questão que diz muito sobre a personificação machista é a representação do homem como o rei da economia, aquele que tem a vida baseada em poder, bens materiais e está sempre atrás de se consumir mais acreditando que sempre terá alguém que tentará lhe superar. Toda essa futilidade só aumenta a ganância dos homens os levando a agressividade e atos inconsequentes.

Na história da humanidade sempre existiu uma crença de que homens e mulheres são seres fundamentalmente diferentes. Na verdade, ambos são tão parecidos quando se acredita, os dois são humanos, eles vem para o mundo sem noção nenhuma do que gênero representa para as pessoas, a vida é premeditada pelas escolhas da criação familiar, não que seja algo ruim mas que indiretamente moldará a compreensão de realidade na criança. Tem também a questão da proteção dos pais em relação ao cuidado com os recém nascidos, essas preocupações de manter a essência de gênero é também uma medida de prevenção que gira em torno de como a sociedade lidará com a presença dessas crianças, faz parte do desejo da criação de evitar que sejam ridicularizados ou violentados.

O consumo de álcool, drogas é um consenso social de normalidade da cultura machista, o estímulo coletivo da broderagem em usar esses recursos é de certa forma um agente de recrutamento e aceitação da maioria, chega a ser mal visto completamente por quem não concorda com essas atitudes.  Por outro lado o efeito alucinante dessas atitudes são uma válvula de escape para a solidão contida na repressão cultural da sociedade, ao consumir se sentem à vontade e mais acolhidos, mesmo não sendo a maneira mais saudável de se envolver com o grupo. Isso desenvolve uma relação de dependência que leva o jovem a se tornar um indivíduo inconsequente, cheio de orgulho próprio, o que lá no fundo representa um vazio psicológico.

O Esporte também é um lugar propício a hipermasculinidade em termos de poder, dominação e controle, uma relação de competição performática extrema nada natural. Isso influencia um contexto ainda mais abrangente que se encontra fora dos vestiários, os conflitos  de torcida organizada. Algo que deveria ser parte de momentos descontraídos vira uma zona de guerra pela conquista de um título, uma verdadeira explosão de ódio descomunal composta por xingamento, espancamento e muitos outros delitos fora do propósito de caráter mistificador esportivo. Pessoas encontram nessas práticas um jeito de liberar toda a carga emocional que prenderam durante a vida inteira, principalmente as emoções negativas que o estereótipo de perfeição humana construiu na cabeça delas, o de total imoralidade.

Existe todo um manual cultural sensacionalista do que é ser um bom homem ou uma boa mulher. Isso reprime a essência do afeto humano, se perdem as qualidades genuínas do indivíduo forçando desde cedo a ocultar seus melhores sentimentos. Felizmente os homens do século XXI são pessoas mais compreensivas, a grande maioria em condições paternas se mostram mais dispostos a distribuir carinho, compartilhar pensamentos e se conectar com profundidade na relação com seus filhos. Entretanto o status de masculinidade sexista e homofóbica permanece como barreira social eminente, visto que os casos de feminicídio continuam aumentando todo ano. O salto é ainda mais evidente no atual período de pandemia em 2020, já que as condições de isolamento favorecem os distúrbios emocionais de quebra da rotina natural econômica e por conta disso as pessoas tendem a ser mais agressivas umas com as outras.

São tantas as direções que a cultura do indivíduo politicamente e socialmente correto nos atinge que o preço disso tudo são homens solitários, pouco empáticos, violentos e imaturos. A máscara que cobre a personalidade masculina é de certa forma um ato terrorista que mata a alma puramente humana em um processo que leva a vida toda até que finalmente a pessoa não veja mais valor na própria existência. O propósito de enxergar tudo isso não é tornar alguém mais ou menos homem, o papel de cada pessoa é conectar o coração com o cérebro e tentar desconstruir a mentalidade que os outros querem capturar de si e tentar buscar apoio naqueles que realmente estão dispostos a ouvir e a compreender. A base da família é a abertura emocional, o pai ou a mãe que se dispõe a acolher os sentimentos incondicionais dos filhos são dignos da condição que vivem, porque se tem uma coisa que a criação familiar sabe é cuidar. Um ser humano bem cuidado não é aquele que vive o sonho americano da luxúria, é aquele que tem confiança e sabe mostrar a melhor versão de si mesmo.